Série glamuriza tráfico, diz filho de Escobar

Juan Pablo lança livro sobre ex-paramilitares que participaram da caça ao traficante mais famoso de todos os tempos

Busco reconciliar-me com o passado e evitar que essa experiência dolorosa se repita, afirma escritor à Folha

SYLVIA COLOMBO
DE BUENOS AIRES

Danilo Fernandes/Brazil Photo Press/Folhapress

Juan Pablo Escobar lança obra em livraria de SP

Vestido de negro, com os traços do rosto que não deixam dúvida de que se trata do filho do mais famoso narcotraficante de todos os tempos, mas com um sorriso e uma cordialidade constantes, Juan Pablo Escobar, 40, recebe a **Folha** para uma conversa sobre "Pablo Escobar em Flagrante", na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires.

No livro anterior, "Pablo Escobar - Meu Pai", ele contava os principais eventos dos anos da guerra do narcotráfico em Colômbia (décadas de 1980 e 1990), e apontava para seus familiares como cúmplices na captura e morte de Pablo Escobar (1949-93), então líder do Cartel de Medellín. Neste novo volume, o autor se coloca na posição de ouvinte.

Juan Pablo se dedica a entrevistar ex-paramilitares que participaram da caça a seu pai, filhos de vítimas de Escobar, ex-guerrilheiros e políticos.

Parte dos episódios é inédita. Ocorreram em áreas que eram naquela época eram terras sem lei, sem cobertura midiática ou presença do Estado.

Outros casos jogam dúvidas em eventos tidos como resolvidos, como a invasão do Palácio de Justiça por guerrilheiros do M-19, em 1985, e o assassinato do então candidato Luis Carlos Galán, em 1989.

"Nos dois livros há uma coisa que não muda. Nunca justifico as coisas horríveis que meu pai fez. Busco reconciliar-me com meu passado e tentar tirar dessa experiência dolorosa algo bom: contar uma história para que não se repita."

Em uma das passagens, Juan Pablo encontra Aaron Seal, filho do piloto norte-americano Barry Seal, que trabalhou para Pablo Escobar, transportando a cocaína fabricada na Colômbia aos EUA.

"Sim, porque existe a ideia de que, do lado americano, não há cartéis nem gente que faça a distribuição. É como se a droga chegasse às pessoas por Fedex", diz, irônico.

"Nos EUA há chefões que fazem com que os narcos latinos se pareçam a bebês de colo. Mas deles ninguém fala."

Barry Seal trabalhou para Escobar até ser recrutado pela CIA. Quando o colombiano descobriu, ordenou seu assassinato. Hoje, Aaron Seal e Juan Pablo Escobar são amigos, como me mostra o segundo, exibindo em seu celular os "chats" de ambos. "Ele também crê que devemos pedir perdão àqueles a quem nossos pais causaram sofrimento. Como pedi a ele porque meu pai matou o dele."

Juan Pablo espera que seus livros tenham o efeito oposto ao de produtos da indústria cultural como a série "Narcos", que glamourizam o tráfico.

"Recebo mensagens de meninos do mundo todo que se fantasiam como meu pai. É terrível. Isso ocorre porque 'Narcos' passa a ideia de que ser bandido é uma festa e não mostra o sofrimento que o crime causa."

Ele defende a legalização das drogas. "A proibição é um grande negócio, e financia a política. No dia em que não proibirem mais, a violência também acaba", declara.

Juan Pablo exemplifica com a sua própria história de vida. "Mataram meu pai e, no dia seguinte, não faltou 1g de cocaína no mercado. Há mais variedade e quantidade de drogas. Não adianta caçar chefões, levantar muros. A proibição é a garantia de que a guerra continua. Proíbam a pizza, e amanhã haverá guerras e mortes por causa dela."

PABLO ESCOBAR EM FLAGRANTE
AUTOR Juan Pablo Escobar
TRADUÇÃO Bruno Mattos
EDITORA Planeta
QUANTO R$ 34,90 (256 págs.)

Scliar estudou porões do judaísmo, diz crítica

Debate em SP é parte das celebrações dos 80 anos de nascimento do autor, morto em 2011

DE SÃO PAULO

Moacyr Scliar (1937-2011) teria feito 80 anos no dia 23 de março último. Como parte das comemorações da data, um debate na quinta (11) reuniu em São Paulo os críticos literários Berta Waldman e Saul Kirschbaum e o jornalista da **Folha** Maurício Meireles.

No encontro, na Livraria da Vila nos Jardins, Kirschbaum disse que o escritor gaúcho fez um "passeio pelos porões do judaísmo", ao abordar "situações constrangedoras". O gancho era o conto "A Balada do Falso Messias", de 1976.

"São os expostos o misticismo e a credulidade das massas judaicas, tantas vezes levadas à condição de desespero, que as tornavam vítimas fáceis dos chamados falsos messias", diz Kirschbaum, doutor em língua hebraica, literatura e cultura judaica pela USP.

Um dos personagens é Shabtai Zvi, que jura ser o messias e termina seus dias em uma mesa de bar, transformando o vinho em água —ao contrário do que, diz a Bíblia, Jesus fez.

Foi lançado no evento em SP "A Nossa Frágil Condição Humana" (Companhia das Letras), que reúne crônicas de temática judaica do autor.

Scliar teve forte atuação na imprensa e, nas páginas da **Folha**, assinou uma coluna durante quase 30 anos.

Kirschbaum também disse ver essa visita "aos porões" nos textos do livro. E citou uma em particular, de 1982, na qual Scliar dizia que o Holocausto havia virado um "poderoso instrumento de mobilização da paranoia e, indiretamente, de manutenção do poder".

A crítica literária Berta Waldman destacou crônicas sobre a política israelense. Para ela, o autor refletiu sobre o judeu nacional —que vive em Israel— e aqueles em diáspora.

"Nações se concebem como estruturas de camaradagem horizontal. Daí nasce o 'nós' coletivo, num laço entre o judaísmo diaspórico e o nacional, relações em tudo distintas." Os textos dele ressaltam pontos em comum, diz ela.

RISOS

Judith Scliar, viúva do autor, já havia arrancado risos da plateia antes do debate, ao contar histórias dele. E lembrou que, muito pequeno, ele escreveu sua autobiografia —àquela época, sua vida era tão breve que o fez num saco de pão.

Recordou ainda um concurso literário, o primeiro vencido pelo autor. Quando ele apareceu para reclamar o prêmio, foi informado de que devia escolher um sapato de uma loja.

"Para o Moacyr, escrever era quase como respirar", disse ela, contando que o marido escrevia o tempo inteiro.

As comemorações dos 80 anos continuam em Porto Alegre, no próximo dia 26, com o evento "Scliar a 4 Vozes".

Às 19h30, sobem ao palco do teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa (Scliar era também médico) Luis Fernando Veríssimo, Ignácio de Loyola Brandão, Zuenir Ventura e Antônio Torres.

Os ingressos custam R$ 20 e estão à venda na internet no endereço bit.ly/2pJPYnG.

CRÍTICA LIVRO

Obra de escrita seca se destaca ao fugir dos grandes temas contemporâneos

ROBERTO TADDEI
ESPECIAL PARA A **FOLHA**

Michael Lionstar via The New York Times

Escritor americano Kent Haruf, morto aos 71 anos, em 2014

"Nossas noites" é um breve romance que flerta com um novo gênero ficcional: o reifungsroman, romance do amadurecimento na velhice.

Foi publicado após a morte do americano Kent Haruf, aos 71 anos, em 2014. Com o aumento da expectativa de vida nos países desenvolvidos, são cada vez mais numerosas as obras com personagens idosos que, assim como no bildungsroman (romance de formação), passam por transformações.

Em "Nossas noites" estamos em Holt, cidade fictícia de interior, quando, "num fim de tarde em maio, pouco antes de escurecer completamente", Addie Moore, 70, atravessa o quarteirão e bate na porta de Louis Waters, com quase 70, para convidá-lo a "ir à minha casa de vez em quando para dormir comigo".

Os dois são viúvos. Moram nas mesmas casas há mais de 40 anos. Criaram os filhos, enterraram parceiros e são conhecidos por todos na cidade.

Não foram felizes profissionalmente. "Nem todo mundo descobre o que realmente quer fazer", diz Addie. "Eu também não fiz o que queria. Só brinquei de fazer", responde Louis. Nunca foram próximos. Daí o estranhamento do convite. Mesmo assim, Louis passa a dormir com a vizinha.

A cidade fofoca. Já não devem satisfação a ninguém. Redescobrem um certo prazer de viver. Tudo o que Louis passar a querer é "levar uma vida simples, e prestar atenção no que acontece a cada dia. E vir dormir aqui com você à noite".

Nessa frase talvez se possa ver o projeto autoral de Haruf. Durante décadas ele tentou ser aceito num programa de formação de escritores e lutou para publicar seus textos.

Só mais tarde, quando passou a escrever de olhos vendados, é que as coisas mudaram. Assim criou "Plainsong" (1999), o primeiro sucesso, e "Benediction" (2013), o segundo a estar entre os mais vendidos nos EUA, inéditos no Brasil.

Escrevia um capítulo por dia, sem enxergar nada, numa máquina de escrever. Pontuações e marcações ficavam para uma segunda revisão.

Há uma secura em sua prosa que parece ser ainda mais minimalista do que a de Ernest Hemingway (1899-1961), influência declarada.

Por outro lado, parece ecoar o que diz Julian Barnes em seu "Nada a temer" (Rocco, 2009): "agora que estamos velhos, que tenhamos coragem de falar de maneira simples. (...) é preciso toda uma vida para ver, e dizer, coisas simples".

"Nossas noites" é um respiro num mundo onde é cada vez mais difícil encontrar histórias significativas fora dos grandes temas contemporâneos: diásporas, intolerância religiosa e racial, abusos e opressões de classe e gênero. Haruf escrevia com os olhos vendados. Nós o lemos como se estivéssemos com antolhos. Às vezes é bom.

ROBERTO TADDEI é escritor e coordenador da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.

NOSSAS NOITES
AUTOR Kent Haruf
TRADUÇÃO Sonia Moreira
EDITORA Companhia das Letras
QUANTO R$ 39,90 (160 págs.)
AVALIAÇÃO bom ★★★

MULTITELA

DEBATE

'Roda Viva' recebe ministro português para expor olhar europeu sobre o Brasil

O tradicional programa de debates recebe nesta segunda-feira (15) Augusto Santos Silva, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal.

Ele falará sobre o ponto de vista europeu acerca dos recentes acontecimentos da política brasileira. Silva, que já foi deputado e ministro da Defesa Nacional, também abordará temas como o reaparecimento de tendências nacionalistas e protecionistas e o futuro da União Europeia. **TV Cultura, 22h15, Livre**

VARIEDADES SUPERBONITA
A rapper Karol Conka, à frente do programa, recebe a cantora Ludmilla. As duas conversam sobre aceitar a própria beleza e revelam os procedimentos estéticos que já realizaram. Ambas são consideradas atualmente referências de beleza, estilo e atitude. **GNT, 21h, Livre**

Fabio Braga/Folhapress

Tom Cavalcante, à frente de programa do Multishow

HUMORÍSTICO
MULTI TOM
Na terceira temporada do programa, Tom Cavalcante interpreta paródia os presidentes brasileiro e norte-americano, Michel Temer e Donald Trump, e recebe convidados —o primeiro será Luan Santana. **Multishow, 22h30, 14 anos**

DOCUMENTÁRIO
BARRADOS NA FRONTEIRA: ESTADOS UNIDOS
A rotina dos agentes que protegem as fronteiras dos Estados Unidos é tema desta série documental. Os episódios acompanham casos reais de pessoas que tentam entrar ilegalmente no país ou contrabandear armas e drogas. **A&E, 20h50, 14 anos**